

INDICE DO TOMO IV

O CENÁCULO	5
VENDO-A REZAR, de Luiz Murat	7
O ESTUDO DAS LINGOAS, de Rocha Pombo	9, 43
PTHYSICA, de Dario Vellozo	16
MARTHA, de Alberto Rangel.	17
JERUZALEM, de Pierre Loti	23, 86, 116, 184
CARTA, de Silveira Netto	27
NA AGONIA, de Oliveira Gomes.	33
BOHEMIO, de Leoncio Correia	35
PASSIONAL, de Dario Vellozo	38
MISERERE DA SAUDADE, de Julio Pernetta	40
ORAÇÃO FUNEBRE, de Antonio Zilo	41
A SERENATA, de Ismael Martins	44
PACIFICAÇÃO DOS CRICHANÁS, do Dr. Barbosa Rodrigues	59
DA LINGOA PORTUGUEZA, do dr. Cunha Brito	66
O IMAGINARIO, de Alberto Rangel	76
ASHAVERUS DO AMOR, de J. Moraes.	97
FLOR EXOTICA, de Orlando Teixeira	99
CEGOS, de Oliveira Gomes.	100
CANÇÃO, de Gustavo Santiago	102
IRRADIAÇÃO, de Dario Vellozo	103
NOCTIVAGOS, de Joaquim Sarmanho	108
DÉVOUEMENT, de Jean Itiberé	110
CREPUSCULO, de Julio Pernetta.	113
IMAGENS, de Oliveira Gomes	114
AUSENCIA, de Dario Vellozo	125
DOUS OCCASOS, de Raul Braga	129
D. ALDA, de Octavio d'Olival	136
ATRAVEZ DA HARMONIA, de Dario Vellozo	138
AS TENDAS, de Oliveira Gomes.	141
Do «LUAR DE INVERNO», de Silveira Netto	143
GARGALHADA DA DESGRAÇA, de Julio Pernetta	144
PER UMBRAM, de Antonio Zilo	147
BATRACCHIO, de Alves de Faria.	151

FLOR DE NEVE, de H. Netto Machado	152
DO POEMA MARINA, de Figueiredo Pimentel	153
DO LIVRO SANCTO, de Mario Alves	155
ANGELUS, de Julio Pernetta	157
PECCADORA, de Carlos Froes	158
CONFIDENCIA, de Dario Vellozo	160
MORTO, de J. Moraes	163
CREPUSCULO, de Antonio Braga	165
ESQUIFES, de Elizéo Montarroyos	166
INSPIRAÇÃO, de Marianna Coelho	171
DAS BELLAS ARTES, do Dr. Cunha Brito	173
LITANIES, de Iwan Gilkin	180

Respias:

LIVROS RECEBIDOS	29, 92, 188
PERIODICOS	31, 93, 189
O ENIGMA DE NOSSA EXISTENCIA, de Hübbe Schleiden	31
VOLCÃO EM SANCTOS	31
COLLABORAÇÃO	92, 123, 187
O PRINCIPIO DA UNIDADE, de Amo	93
ACADEMIA E O « GRENIER » DOS GONCOURT, de H. C.	94
VERLAINE E E. PERNETTA	126
REDACÇÃO DO CENACULO	126
PSYCHOLOGIA HINDU, de Guymiot	127
ESQUIFES	187
G. DE ANNUNZIO	189

FIM

PARANA'—BRAZIL

—♦♦♦♦—

Fundadores :

*Dario Vellozo,
Silveira Netto, Julio Pernetta,
Antonio Braga.*

Anno III

22.º Fasciculo

O CENACULO

Director :

Dario Vellozo

Summula :

|| PAGS.

I O CENACULO	5
II VENDO-A REZAR, de Luiz Murat	7
III O ESTUDO DAS LINGOAS, de Rocha Pombo	9
IV PTHYSICA, de Dario Vellozo	16
V MARTHA, de Alberto Rangel	17
VI JERUZALEM, de Pierre Loti	23
VII CARTA, de Silveira Netto	27
VIII RESPIGAS	29

Tomo IV

Janeiro--1897

—N.º 1

— CORITIBA —



Fundadores

*Dario Vellozo,
Silveira Netto, Julio Pernatta,
Antonio Braga.*

O CENACULO

Director :

Dario Vellaza.

ANNO TERCEIRO

TOMO QUARTO

Coritiba

Impressora Paranaense—Rua do Riachoelo N.º 19

1897

O CENACULO

Cenaculo, em Coritiba, Janeiro de 1897.

O CENACULO continua, corajosamente, a tentativa, encetada em 1895. Animam-nos, ainda e sempre, os mesmos sentimentos, a mesma boa vontade, a mesma esperança e o mesmo anhelo dos rubros dias de estrea, quando, reunidos, — os quatro companheiros, — apresentavamos ao publico o primeiro fasciculo desta revista. Então, — como ainda hoje, — nos unia fecunda affinidade intellectual, — nosso mais poderoso estimulo, e consolador conforto, quando, aos suaves crepusculos das serenas tardes coritibanas, — scismavamos — muezzins da Idea, — consorciando pensamentos, consorciando almas, — em pleno paiz do Ideal e do Sonho.

Hoje, os muezzins se afastaram, pela distancia, — continuando, porem, approximados pelo coração. — Silveira Netto, lá, naquella deliciosa terra de Guanabara, continua de illustrar o nome e acryzolar o espirito, brilhantemente, — honrando sempre a terra de seo berço, e sempre amoroso desta nossa revista, que ajudou a crear, e não esquece nunca ; Antonio Braga, — em S. Paulo, — tem collaborado com galhardia e talento em alguns dos principaes orgãos da imprensa paulista, seguindo gloriosamente a fulgida via-lactea da Arte, que sabe tão bem palmilhar, — levando nas mãos de sacerdote impeccavel o austero ritual de nossa immaculada affeição ; Julio Pernetta, — com quanto habitando esta cidade, — não tem podido continuar de deleitar-nos o espirito com as litanias de seo estro. — Oxalá, para logo, possa o CENACULO continuar de receber em suas paginas a phrase amiga de tão peregrina intelligencia, e, bem assim, a dos dous outros sacerdotes, — gloria e orgulho do CENACULO.

Actualmente, só, — à frente desta melindrosa e magnanima tentativa, em prol da litteratura de nossa Patria, — sob tão subtil responsabilidade, — se bem que amistosamente auxiliado por alguns dos mais bellos espiritos, que honram as letras Nacionaes, e cuja collaboração nos tem sido valiosissima, — não po-

deria eu continuar de desempenhar-me desta delicada incumbencia, se não mais merecesse o apoio daquelles que,—com affectuosidade e civismo,—têm constituido a élite de nossos assignantes. O CENACULO espera merecer-lhes, ainda e sempre, a mesma sympathia e o mesmo concurso.

A litteratura de um povo é o phanal de sua civilização. É pela litteratura que os povos se recommendam á posteridade; é pela litteratura que a Historia sagra e sanciona os povos.— A antiguidade Hindú subio á immortalidade nas paginas das epopeas de Valmiki; a Chaldea tem merecido sempre o respeito que se tributa aos mortos illustres; a Grecia deificou-se pela Arte; Roma palpita ainda sob a eloquencia de seos tribunos; Dante glorificou a Italia; a Portugal enalteceo Camões; Antar cantou o heroismo dos Arabes, e a Arabia se eterniza em seos poëmas; o passado litterario e artistico da França e da Hespanha tem as proporções de cathedral magestosa; Shakspeare dá á Gran-Bretanha proporções de titan; a Germania illumina-se com Gœthe e Schiller; Ibsen reverbera por sobre as merencorias neves da Scandinavia esplendente aurora boreal. Em cada um dos povos que a Historia apresenta, encontrareis um genio, alma do povo; em cada uma das nações que venceram o Nirvana, encontrareis um genio,— alma da patria. Das urzes, a Litteratura faz louros; do marmore, a Arte faz deoses.

Auxiliae a Litteratura, e glorificareis o povo; dae a mão á Arte, e immortalizareis a nação.

Só temos urzes.... Embora! As urzes serão um dia transformadas em louros; e esses louros engrinaldarão victoriamente a fronte soberana da Patria.

Pelo CENACULO,

Dario Vellozo.

Rua Silva Jardim, n.^o 408



VENDO-A REZAR

A DARIO VELLOZO.

Meiga e celeste luz que me embalou na infancia,
Irman gemea do amor que a edade não desdoura,
Quem te deo esse dom, essa ideal fragrancia
Que te perspira em toda a carne tentadora ?

Que divino panal teo labio adoça e molha ?
Queurnaqueima esse incenso em tuas lacteas pomas,
E num banho febril teos contornos desfolha
Se acaso entre os rosaes como uma deosa assomas ?

Guardas, intacto, o olor que eu respirava outrora
Entre as ternas canções das aves e das brisas,
E um fulgor matinal os campos te decora,
Quando os campos, sozinha, affoutamente, pisas.

Soberba, em tua fé radiosa, a alma suspendes
Aos effluvios que, á noite, a myrrha e o nardo exhalam ;
E um raio de esperança a um raio de sol prendes,
Quando a lagrima acorda e os passaros se calam...

Uma antiphona paira em toda a tua prece,
Cerca-te um resplendor, puro como os das santas,
E do ceo, lentamente, um còro de anjos desce
Para te ver rezar, de joelhos, entre as plantas...

Mystica irradiação de suprema tristeza
Compõe a tua voz de celestes arpejos,
E é por teres reunido a innocencia á belleza
Que eu trocaria o ceo por um só dos teos beijos.

Ah ! a innocencia é tudo ! E' o aroma ainda encerrado
Na carcerula de ouro, impervia ao sol nascente ;
E' o coração no proprio extase embalsamado,
O fremito do rio, o susto da corrente...

E' a hostia onde repouza a alma olente e piedosa
 Das virgens, que um desejo immenso e vago enleia,
 E seguem no horizonte a nuvem caprichosa
 E o reflexo do luar nos cõmoros de areia.

Oh ! symbolo impolluto, onde freme captiva
 A virgindade, quasi a partir a carcerula,
 Para se espanejar ao sol, radiante e viva,
 Dando-lhe ouro por ouro e perola por perola.

Oh ! segredos de Ophelia ás rosas assustadas,
 Oh ! mimos de Hero á vaga, indomita e bravia,
 Como quereis voar com as azas amarradas
 Por esse extenso mar e essa amplidão sombria ? !

Não, sobre o proprio amor que te cruscia, pouza
 A cabeça, Virginea, ás horas do sol posto.
 Porque vaes, sem razão, entreabrir uma lousa,
 Com soluções na voz e lagrimas no rosto ?

Pobresinhas, que a fé pela duvida trocam,
 Jamais neste presidio o seo ideal alcançam,
 E, pallidas e sós os soluções soffocam
 E nos braços da morte, exanimes se lançam.

Sem forças para a lucta, os golpes do destino
 Vão-lhes crestando a branca e limpida corolla !
 Fragil roseira, o sol, constantemente a pino,
 Calcina-lhes o hastil e as flores lhes estiola !

Rumor de um canto, beijo esquecido num ramo,
 Como um ninho, sem dono, exposto ao vento e ao frio,
 Vinde aprender a amar, vinde ver como eu amo
 Sobre a relva do bosque e as areias do rio !...

O amor é um gorgeio, intermino, perdido
 Nas sombras do redil, na voz dos pegureiros,
 E que deve tambem ser depois recolhido
 Logo que uivam na matta os lobos carniceiros...

LUIZ MURAT.

O ESTUDO DAS LINGOAS (1)

1. O estudo das lingoas alarga cada vez mais o dominio do historiador no passado. A antiguidade recúa, á medida que um vocabulo vem lançar um pouco de luz sobre a escuridão das eras remotas. E de facto, entre os vestigios que os povos vão deixando pela terra, nenhum ha mais precioso do que a palavra para a restauração das sociedades mortas. A historia comprehende phenomenos de natureza muito complexa e que se revelam nas obras dos homens — nos monumentos, nos tumulos, nas cidades, nas instituições. Mas é sobretudo na palavra que taes phenomenos ficam palpitantes atravez do tempo ; pois que a palavra não é menor do que a manifestação directa espontanea e viva de quanto sentio, pensou e obrou o povo que a tem falado.

2. O estudo das lingoas pode ser comprehendido de dous modos, ou debaixo de dous pontos de vista differentes. Se se procurar interpretar as litteraturas, as legislações, as liturgias, a moral ; se se estuda os textos antigos comparando uns a outros ; se se busca decifrar as inscripções etc., se se aproveita, em summa, todo o trabalho litterario de certa epocha e n'um dado paiz, como elementos para a determinação exacta do que foi o homem e do que foi a sociedade n'essa epocha — o estudo das lingoas incorpora-se ás sciencias historicas. Se se estuda, porem, apenas a estructura de um idioma, seo desenvolvimento, sua filiação, a differenciação dos seos dialectos — esse estudo filia-se na ordem das sciencias naturaes.

3. Ha, portanto, uma perfeita analogia entre o organismo das lingoas e o organismo humano, por exemplo. Se estudamos o homem sob o ponto de vista das suas relações com os outros homens, isto é, como membro da sociedade humana — temos a sociologia — sciencia historica : se estudamos o homem isolado, em seo desenvolvimento physico — ahí temos a biologia — sci-

(1) Este é um outro artigo que vou remetter ao *Cenaculo* deviam constituir a introducção de um trabalho que tenho quasi prompto sobre a lingoa *tupy* ; mas como noto agora que iriam avolumar muito o livro que desejo imprimir, os destaco e offereço em avulso aos leitores da magnifica revista litteraria. — *R. P.*

cia natural. E do mesmo modo que os phenomenos da sociologia relacionam-se com os phenomenos que constituem objecto das sciencias naturaes que a precedem, segundo a classificação de Comte : a philologia não pôde prescindir das bases que lhe fornece a linguistica. Tanto mais, considerando-se que a evolução de um idioma é um facto muito complexo, producto de factores variadissimos, independentes e de natureza diversa, mas cujo concurso é indispensavel reconhecer. A par dos factores naturaes, como o clima, a topographia etc., acham-se os factores sociaes, como as circumstancias particulares da vida de cada povo, e sobretudo a cultura litteraria.

4. Para constatar-se melhor a natureza intima dos phenomenos que constituem objecto do estudo das lingoas, necessario seria examinar um idioma desde o periodo primitivo de sua formação, e portanto acompanhar o espirito humano nas leis a que foi obedecendo em seo desenvolvimento. O homem não *pensou* logo que pôde articular. Verdadeiramente elle só pensou depois que soube *abstrahir*. N'aquella primeira phase, a palavra é manifestação espontanea e por assim dizer impessoal : e o homem só attingio ao pensamento quando tornou-se capaz de *reflexão*, isto é, quando o seo esforço mental pôde intervir no processo mecanico da natureza. Ora, para demarcar bem os dominios da lingoistica, parece, à primeira vista, que se deveria circumscrever á aquella primeira phase, quer dizer aos phenomenos que se caracterisam pela expontaneidade de sua manifestação. Mas isso tambem não seria razoavel, pois que, mesmo nos periodos subsequentes, quando a elaboração mental e consciente intervem no progresso da lingoagem, os factores naturaes não cessam de contribuir para esse progresso. Portanto, resalta d'ahi a enorme importancia do estudo das lingoas sob os dous pontos de vista, isto é, como phenomenos naturaes e como phenomenos historicos.

5. Semelhante estudo, alem de ter servido para assignalar as leis do desenvolvimento do espirito humano, ampliou, como dissemos, extraordinariamente os horizontes da intelligencia, e, de modo especial, tornou-se o fundamento de todo o trabalho de construccion historica relativo mesmo ás epochas mais remotas. Não ha um instante da vida de um povo, do qual nos restem ao menos alguns vocabulos, que não possa ser hoje recomposto, e em tudo quanto esse povo tenha tido de mais essencial e mais caracteristico em sua vida. Do mesmo modo que o naturalista, guiado ás vezes por alguns restos fosseis, vestigios quasi extintos de epochas antiquissimas e já encerradas da historia na-

tural, reconstitue organismos de que não mais nos restam exemplares vivos : assim tambem, o philologo restabelece factos, usos, costumes, instituições e afinal civilizações inteiras, enca-minhado ás vezes por um certo numero de palavras já não faladas, mas ainda documentos fieis e authenticos, vestigios claros de sociedades desapparecidas.

6. Uma das mais notaveis conquistas que já fizemos, por intermedio das lingoas, é certamente a de havermos constatado, e de forma tal e tão definitivamente, a filiação dos povos que encheram o mundo, o parentesco ou affinidade ethnica das diversas raças humanas, que não é para extranhar a perseverança com que no presente seculo os espiritos mais esclarecidos e mais pacientes teem-se dedicado a semelhante genero de investigações. Sabe-se, por exemplo, como ainda o ultimo seculo deixara a questão das origens das raças que povoaram o Occidente. Da Grecia nos tinham vindo tradições que indicavam o Egypto, com todo o mysterio da sua profunda antiguidade, como a proveniencia principal das migrações que fundaram a civilização grega. Os historiadores não ultrapassavam sobre o passado ao imperio dos Pharáos ; e houve até quem fosse procurar junto do alto Nilo o Senaar da Biblia. Quinto-Curcio começa o seo tratado de historia pelos Scythas ; mas não dissimula, antes dá franca mente aos Egpcios a prioridade historica. Dos historiadores antigos, Herodoto foi quem mais pareceo desprendido da corrente tradicional que veio até os fins do seculo passado, até o momento em que, volvendo para a Asia um olhar curioso, os investigadores começaram a descobrir os thezouros inestimaveis lá occultos á erudição classica. Mas assim mesmo, o que o grande historiador grego mostrou foi, não que já adivinhava o que só um futuro de muitos seculos deveria desvendar, mas apenas uma completa isenção de espirito quanto ao problema da prioridade historica e origens da civilização europea. E foi tão poderosa a tradição que circumscrevia a antiguidade entre o Egypto e a Chaldea, que ainda no seculo passado, Vico — pode-se dizer o verdadeiro fundador da philologia — começava a estudar a historia pelo povo hebreo.

7. Com a descoberta das vastas e antiquissimas civilizações da Asia Central tudo mudou ; e a lingoistica, definitivamente constituida, veio dar aos estudiosos a orientação que lhes faltava. Reconheceo-se, em face da dissimilitude fundamental dos dous grupos ou familias de lingoas, que a civilização europea, ou antes que as grandes raças que povoaram o continente, não podiam ter succedido na historia ás raças semíticas, e que essas

duas correntes de povos só mais tarde, depois de infinidade de séculos de vida independente, é que se vieram a fundir no Mediterraneo. E isso prova-nos ainda que as civilisações são mais fáceis de se mesclar do que as lingoas. Um idioma pôde, naturalmente, influir sobre outro, enriquecê-lo e determinar-lhe mesmo profundas modificações litterarias. No portuguez, por exemplo, e em todas as lingoas neo-latinas, constata-se a influencia, alem da de outros, do arabe, que é idioma semítico. E quanto ao que se pôde attribuir, tratando-se de modificações de forma, ao contacto das lingoas, ahi está o francez operando fortemente sobre a litteratura brazileira contemporanea. Mas d'ahi a affirmar que um idioma venha a produzir mudanças na estructura de outro, ha um abysmo. Não se conhece um idioma cuja grammatica tenha sido alterada por influencia de outros. Portanto, o que se observa na historia da civilisação hellenica é que ella aproveitou muito do Egypto, em cuja eschola, tornada celebre, iain aprender os philosophos gregos. Mas a lingoa ficou perfeitamente intacta. Já as tradicções da Grecia heroica e até a historia classica tinham reconhecido, é verdade, a intervenção, directa e profundamente modificadora, de raças do norte no organismo quasi exhausto da civilisação grega. E isso ao ponto de se constituir a invasão dorica do Peloponeso, por assim dizer, o facto capital que determinou alguns séculos mais tarde o periodo mais brilhante da Grecia antiga. Mas o que é incontestável é que só a linguistica e a philologia comparativa deveriam assignalar de forma irrecusavel a affinidade das raças que dominaram definitivamente a Europa e fundaram a civilisação no Occidente.

8. E' bem conhecido o processo adoptado por Max-Müller na interpretação das primitivas civilisações da Asia, especialmente a da mais antiga familia — a familia aryana, a cujas formas glotticas a lingoistica reduziu os diversos idiomas indo-europeos. Dirigido ás vezes por um simples vocabulo, o illustre philologo insere-se nas profundezas da antiguidade oriental, e de lá, das trevas de eras remotissimas consegue trazer uma perola de valor inestimável para o historiador. Estudando o sanskrito classico, o zend e bem assim as lingoas congeneres faladas na Europa, chegou-se a determinar uma forma irreductivel, matriz commun de todos esses idiomas. Já era isso por certo uma grande conquista, cujas vantagens excediam talvez as previsões da lingoistica pura para extender-se até os dominios da philosophia e da sciencia social. Munidos de taes elementos, poderam os estudiosos determinar, por meio de induções muito seguras factos confusos e mesmo ficar diversas epochas no des-

envolvimento d'essa primitiva familia vedica, e notavelmente — liquidar o estado social d'esse agrupamento humano, até o qual vae a historia dilatando o seo dominio.

9. Quanto ao que se refere mais propriamente á reconstrucçao da sociedade aryana, vejamos como sahio-se Max-Müller. Os lingoistas já haviam constatado, como dissemos, ante a irreductibilidade de formas do idioma vedico, que as lingoas — por esse facto mesmo classificadas n'um unico systema e denominadas indo-europeas, filiam-se todas n'esse idioma — tronco primordial e commum de todas ellas. Pois bem : o grande philologo e orientalista inglez observou que no grego, no latim, no slavo, sobretudo no lithuario (talvez a menos diferenciada de todo o systema) bem como no sanskrito e no zend, os vocabulos que significam, por exemplo, *pae*, *mãe*, *irmão*, *esposa*, *filho* etc., são muito semelhantes e revelam na sua estructura uma origem commum. D'esse facto concluiu Max-Müller, e muito logicamente, que taes vocabulos já eram conhecidos da familia aryana quando essa familia dissolveo-se emigrando para diversos reinos. Com effeito, não se concebe que um povo tivesse vocabulos representativos de certos phenomenos ou de certos poetas, sem que se conclúa logo, por uma operação espontanea do nosso espirito, a existencia de taes factos ou phenomenos. Portanto, se os Aryas tinham na sua lingoa uma palavra significando *esposa* ou *sogra* ou *avô*, podemos afirmar peremptoriamente que entre elles eram já conhecidas as relações de descendencia e parentesco que indicam de maneira indiscutivel a organisaçao da familia.

10. Por um processo identico pôde-se demonstrar a indole pacifica d'essa primitiva familia. Max-Müller notou que os termos que significam armas e costumes guerreiros são muito dissemelhantes nos diversos idiomas derivados de lingoa commum : e portanto concluiu d'isso que taes vocabulos foram creados por necessidades que sobrevieram á separaçao, se assim não fôra, esses vocabulos, ao menos nos seos elementos fundamentaes, revelariam certamente as affinidades ou a communidade de origem que se observa n'aquellos outros. A sociedade aryana, pois, não era dada á guerra, por isso que não tinha na sua lingoa palavras que indicassem instrumentos de guerra. E assim creou o philologo inglez um systema completo e seguro de interpretaçao, por meio do qual podemos restaurar todas as epochas historicas, por mais antigas e obscuras que sejam, comtanto que d'ellas perdurem vestigios litterarios ou mesmo simplesmente glotticos.

14. Por outro lado, a lingoistica comparativa provou a completa independencia das raças, semiticas, confirmando, por assim dizer, as tradicções biblicas que nos falam do isolamento do povo de Deos. Verificou-se nos dous systemas de lingoas uma tão accentuada diferença de estructura grammatical, que foi necessario estabelecer no estudo da lingoistica, primeiro que tudo, uma classificação das duas familias : a indo-europea e a semitica. Ambos os systemas são flexionaes ; mas uma cousa é a flexão semitica e outra a flexão indo-europea, se bem que não seria prudente, como aliaz teem feito alguns lingoistas renunciar a possibilidade de vir-se ainda a constatar affinidades muito remotas nas suas familias. O que é portanto incontestavel é que, por meio do estudo das lingoas, já se conseguiu determinar a filiação das raças que povoaram a Europa, e que, segundo o processo de Max-Müller, foi possivel penetrar na organização social dos Aryas. Bastava este enorme resultado para pôr em evidencia a incalculavel utilidade do estudo das lingoas.

12. Sabe-se, por exemplo, como a geographia acompanha a existencia de um povo : ou por outra, como as denominações geographicas reflectem os acontecimentos da historia. Athenas, Thebas, Roma, Sydonia tomam o nome de deoses ou heróes. Troya muda de nome com os seos reis. Os rios da Grecia tinham escriptas nas suas agoas as fabulas dos heróes. Especialmente pelo que toca ao mundo antigo, não ha um recanto de terra cuja indicação não revele por si só um facto histórico e muitas vezes acontecimentos notaveis que caracterizam toda uma epocha. A denominação de uma capital ou de um burgo insignificante, de uma cordilheira, de um mar, de uma passagem, de um paiz inteiro ou de uma travessa de pequena cidade, pode, portanto, de hoje a dezenas de seculos dar ao investigador paciente irrecusaveis testemunhos que talvez não possa elle buscar em outras fontes. Ha dias, cahio-nos sob os olhos um exemplar de gazeta em que se lia esta noticia : «A procissão percorreu as ruas da Imperatriz, do Imperador, do Rosario etc.»

Pois bem — pensamos logo : procure-se embora, com todo cuidado e esforço, destruir os vestigios materiaes do regimen decahido, d'aqui a mil annos um homem que ler este papel ficará sabendo, e de maneira certissima, que existio a monarchia neste paiz.

13. Poderemos ainda acrescentar demonstrações relativas ao grupo de lingoas que vamos estudar. Como o que estamos expondo nesta introdução não deve exceder os limites de um

simples accessorio do assumpto deste trabalho, bastar-nos-á dar um aidéa de quanto nos ha de valer o conhecimento dos idiomas americanos, especialmente para ampliar a noticia exigua que temos da America pre-historica. Pondo de lado, por quanto, o vasto problema das origens das raças que povoaram o Continente, problema que encerra questões que podem até incidir, sob os domínios da geologia, consideremos os factos, relativamente recentes, que determinaram a situação dos povos do Novo-Mundo no tempo da conquista. Esses factos — quem poderia negal-o? — só hão de vir a ser de todo elucidados em face do exame philosophico das lingoas americanas. Até hoje, os escriptores que trataram destas questões, teem-se quasi limitado a aventar hypotheses, mais ou menos verosímeis, e a analyzar tradições ás vezes absurdas e contradictorias. Alguns teem tido até a *phantasia* de sustentar a origem phenicia, por exemplo, das raças que povoaram o Continente (e mesmo hypotheses ainda mais audaciosas) seduzidos talvez pela originalidade da solução, e quem sabe? — desorientados ante umas até hoje não authenticadas inscripções recolhidas não se sabe onde. Se bem que nada seria mais natural e mais prudente do que aceitar a boa fé de quantos teem procurado justificar algumas pelo menos de semelhantes theorias ante o parentesco, aliáz apenas suspeitado, e talvez com razão, de alguns idiomas do Norte-America com o systema semítico, caracterisado pelo trilitteralismo das raízes. Outros auctores chegam a falar francamente da identidade do Novo Mundo com a famosa Atlantida; da qual, entretanto, apenas Solon recolhera vagas tradições de uns sacerdotes do Egypto. Mas, não somente tais tradições não eram populares na Grecia, como o proprio Platão, na noticia mutilada que chegou aos nossos dias, parece dal-as com muita reserva e extranhesa. E isto, alem de outras considerações que poderiam infirmar completamente a tradição. Em face de tudo isso, um unico estímulo ainda é capaz de encorajar os investigadores: o que lhes deve produzir a convicção, hoje solidamente fundada, de que só os estudos das lingoas americanas poderá chamar o problema para o terreno em que ha de ter solução cabal e definitiva.

44. Vê-se, portanto, como esta elevada e vastissima questão ainda vem ampliar excepcionalmente para os estudiosos desta parte do mundo a já enorme utilidade do estudo das lingoas. Ha muito que conquistar sobre a pre-historia da America. As grandes civilisações indigenas do Mexico e do Perú, pode-se quasi dizer que estão ainda por ser conhecidas. Tem-se feito

alguma cousa ; tem-se estudado algumas lingoas do Norte ; mas o que é preciso é construir a theoria geral das origens, a synthese historica d'esse notavel movimento humano no planeta. Os auctores que já se abalancaram a tanto ainda não podiam dispor de elementos bastante seguros e bastante positivos senão para dar um caracter mais accentuado e de mais apparencia scientifica á hypothese da proveniencia asiatica das migrações successivas que deram os douis grandes imperios da America Occidental. Essa proveniencia, aliaz, parece claramente assinalada até no phenomeno que se observa do Norte para o Sul, como do Oeste para Leste, do estado social decrescente dos povos que a conquista veio encontrar no Novo Mundo. Mas, supondo mesmo que semelhante theoria venha a vencer definitivamente — como acreditamos que ha de vencer — o estudo d'ella sob o ponto de vista da linguistica quanto não elucidaria outras tão importantes questões em que se alargaria o problema da historia americana relativa aos tempos anteriores á conquista ?

ROCHA POMBO.



PTHYSICA

Honni soit qui mal y pense.

Suppões exticta a lyrial chimera....
E te deixas morrer, saudosa e triste,
Como um goivo ao luar... Ae ! nem reziste,
— Doce espetro de morta primavera,—

Teo dulcuroso coração de esposa !...
Ae ! nem reziste ao merencorio exilio
Aquelle rubro e festival idyllo,
— Hoje epitaphio de sombria lousa !...

Ae ! nem reziste a crença ardente e pura !...
Crepes de pranto velam-te o semblante,
E tens no coração a sepultura !...

Emtanto, eu vivo de te haver amado,
Vivo da luz de teo olhar distante,
Astro de amor dos ceos de meo passado.

DARIO VELLOZO.

MARTHA

(*Notas de um Diario*)

2 DE AGOSTO.

Estas taboas escuras, cheirando a oleo, a carvão de Cardiff, tressandando a salsugem do mar, com um nome estranho ha de ir me levando por estas agoas, agora de um verde macio como o das folhas das malvas, ladeando essas costas de rochas abruthadas, d'onde de vez em vez rompe a alvura de uma praia.

Ha de me levar o *Freshfield* neste andar de carreta de bois que seguisse aos gritos e aguilhadas, por uma estrada lamacenta das chuvas caidas n'algum longe ermado de sertão.

Somos seis os passageiros.

Ha uma velha scandinava, d'oculo sem gra, a cabeça armada sempre d'uma touca de linho, a quem uma menina, a neta orphan, acompanha com doçura. Ao vel-as unidas e quietas, é para pensar n'uma flagrante e viva allegoria. Estão quasi sempre caladas na formal e meditativa frieza de sua raça.

A's vezes a velha folheia uma brochura e lê á neta absorta. Talvez sejam psalmos de David...

Dia em que ha nevoas em volta, densas ou n'uma fugace ourela do horizonte, a lençaria das nevoas : — almas errante e soluçantes nos poemas gäelicos! Sudarios ou véos de noivas !... eil-as, as duas, encostadas deliciosamente á amurada, por instinto de filhas do norte, olhando em torno, raladas de uma longa e indefinivel saudade.

O Sergio é um rapaz de 24 annos. Uza guedelha basta e segue para o sul, para empregar-se em S. Paulo.

Alma de phantasia poetica desregrada e lorpa, que a materialidade de um futuro emprego réles de commercio atordoa e faz-lhe a vida amargosa. Mas se o destino, implacavel, teima em fech al-o no circulo medido do Commum, elle, obstinado, tem a ob-

sessão da Aventura, do imprevisto romantico, cheio de odio ao diario, á succesão monotonas das cousas—almoço, jantar e ceia— sem o pittoresco dos sobre-vindos transtornos, em que mesmo se perca o jantar!

Ha dias que o vejo perturbado, o rosto escandalosamente illuminado, como quem traz um doce alvoroço ao coração. O que será? Antes, sempre recluso n'um desgosto sceptico, agora noto-o aturdido por uma alegria intima, douda para proclamar-se e que sustida fosse a custo!

A bordo vem tambem um tisico, homem amumiado, de barbas ralas crescidas, em companhia de uma mulher magestosa.

Esta tem o busto victorioso e amplo, bello a resguardal-o a frente o peitoral d'uma couraça de ouro e o seo perfil é de uma severidade impressionante e classica. A profundezas dos seos olhos é de uma treva tranquilla...

Traz o cabello fulvo apanhado ao alto, no modelado antigo e nobre de um elmo de cobre.

Viaja velando o corpo do tisico, que deixando vae entre as suas mãos um resto de folego, de faces encovadas, e na *tournure* abjecta de um esqueleto movediço.

Elle traz sempre as orbitas grandes, onde rolam seos olhos inexpressivos como douis seixos, dilatadas ao excesso quando olha, fal-o pesadamente circumvagando com dureza esses douis seixos.

E' repugnante. Tosse com furor, pondo as duas mãos em suporte no cavername do peito, sacudido aos galões. Então, á sua bocca de labios sem còr, afflora uma saliva vermelha. A mulher corre então a amparal-o na furia do accesso.

Eu agitado considero, por que ella em vez de soccorrel-o não lhe crava as unhas na garganta e não lhe estirpa a vida, que elle dá para a assistencia repellente da sua desgraça, aos indiferentes?

Pulmões cariados, o tisico não resistiria longo tempo ás mãos branca da plethorica senhora! porque não estrangulal-o? porque?

Certa vez, a um poente, lembrando por que lá seguisse um prestito guerreiro n'uma confusão de rútilos escudos, n'uma sanguieira de batalhas, succedera a noite.

No estreito tombadilho eu e o tisico olhavamos o cobertal do céo, serenamente estendido, empoeirado de estrellas enquanto a lua espalhava claridades no afan d'um tardio semeiador, semiendo.

O mar ondulava, arfando, inchando vagarosamente, como um grande coração parando.

Suspensas das cordoalhas fulgiam raras lanternas. A bulha das correntes do leme dava a impressão de algemas chocalhadas n'uma galeria sombria de prisão.

O navio ia sempre rasgando a agoa entre pompas e a limalha de prata dos reflexos, n'um balanço de berço. Este movimento arranja o sonho, dá-lhe o vago, o indifinivel dos pensamentos perdidos se architectando n'uma espiral molle, indecisa e calada de fumos.

Nisso senti o tisico que me tocava falando. Aquella hora, aquelle silencio, por sobre o mar... e lanceava-o a necessidade da confidencia, arredando-lhe os labios para a sua historia.

A historia contou-m'a, pausada do ruido da tosse a sacudir-lhe a caixa empobrecida do peito.

Veio de longe. De sua infancia na fazenda, no largo hausto de uma existencia rolante na faina das colheitas e das plantações.

Ora as reminiscencias vinham listradas de vermelhão. Eram tragedias accendidas pela vingança da escravatura nos eitos... A terra bebia o suor e o sangue dos negros doceis e dos rebelldados...

Ora as lembranças vinham de azul, sentimentalmente, n'uma fila devota de almas puras evulcionadas de uma atroz clausura.

Era por manhans idyllicas e tardes...

O Amor então arrebatava--o e punha-lhe gritos na voz debil. —Ah ! por certa vez, pela época das queimadas ..

Outra, fôra n'um palhal, por entre o aspero verdor dos milhos novos...

E descia a detalhes que a sua memoria avivava com vehemencia e quasi com alegria.

Seguiria depois a estudar. Na academia, mãos dadas ao *corpus juris* e ao bom regalo da troça, levara os cinco annos regimentaes.

Depois de um namoro, entremeiado de violões gemendo a portas e ao luar, bairaricos e chás, casara-se com a Martha, essa que o acompanhava.

—E' uma santa ! murmurava n'um sopro fraco. Nesta bronchite que me aborrece faz a minha distracção e a minha felicidade. E' vel-a como se afflige com o meo estado e sempre submissa quando me altero...

Em quanto falava, junto do passadiço duas sombras passavam, n'um destaque vago de carvão sobre cinza.

Do compartimento das machinas vinham um bafo quente de fornalhas e um barulho regular de pistons em vae e vem, engrenagens se ajustando e caldeiras chiando, como um sistema vivo de pulmões e musculos e ventres.

A lua alta, do molde d'uma agomia mourisca, resplandecia com as estrellas abertas n'uma pompa floral de clavelinas de fogo.

O tisico, embevecido, continuava :

—Isto ha 11 annos, quando apanhou-me o resfriamento. Agora felizmente estou bem. Melhor de còres... Ah ! mas se não fossem os cuidados da Martha ! E' uma santa ! repetia enternecido.

Dizia todos os carinhos da esposa que amava e todos os desvelos della junto a si, pobre estafermo levado nestas taboas alcatroadas...

Eu ouvia com interesse. Mas veio-lhe a tosse forte, violenta, anciando-o, esburgando-lhe as pupillas baças, abalando-lhe o thorax em arrancos de quem se vae a afogar. E a Martha, que chegou celere para acudir, meigamente reprehendendo :

—Tambem ao sereno tanto tempo ! enquanto com o lenço limpava da fronte do tisico o suor que escorria e ia-lhe empurrando com vagar e com piedade a carcassa tropeja para o aconchego do beliche.

*

3 de agosto.

Hontem o mar de tão manso parecia feito de uma grossa gomma verde amarantho. Azas de vélas e azas elasticas de biguás riscavam o ar cheio de serenidade.

Pelo fitão da costa se adivinhava declives de terras em cultivo e simples penedias brutas. Nas abas de um monte longe, um rancho de cabanas pouzava entre franças desenroladas.

Hoje sopra uma viração aspera e glacial, que remexe as agoas, picando-as de flòres chimericas de espumas na crista das ondas chocadas e bramantes.

No horizonte mal se distinguem as corcovas e as cabeças das montanhas.

Todos estão embiocados nos camarotes, incomodados porque o feio casco velho que nos transporta baila doudamente como se fôra a fina e leve armação d'um *guigue*. Seis horas da tarde.

Só eu, estendido n'um banco, sobre a tolda, vejo a treva vir de um ponto do horizonte, n'uma invasão triste de hervas más e plumbeas, que pelas veigas do céo fôssem alastrando na confusão tenebrosa de um sonho.

No passadiço do commando, enchendo o fornilho do cachimbo, o capitão Mr. John Campbell Blackett, de barbas amplas e apar-

tadas ao queixo, tendo bem ajustado na cabeça um bonet simple de official, olha á bitacula com impassibilidade.

E' sempre assim, inalteravelmente, como se bebesse um grog ou lesse um numero do *Standard, al home*, em terras do seo vasto condado, longe do mar e longe do navio...

Mas eis que o Sergio surge, precipite como por encanto e estende-se a meo lado n'uma vasta cadeira de vime. Olha em torno, nas suas feições noto a linha decomposta da Ventura. Vae-me contar...

E deságoa toda uma inflammada narrativa de sua paixão pela Martha ! Paixão que tem sido reciproca, alimentada com um ardor inaudito nesta travessia fastidiosa do *Freshfield*, marcando as horas da viagem de uma embriagante satisfação de luxuria, unidos pelas boccas em ascuas, na febre. O rapaz desabafava como que aturdido por aquella loucura da mulher. Na vida calma e uniforme de moço Martha punha uma nota vermelha de inauditismo de romance e de Traição. Era a appetecida Aventura, fóra por completo do editado, do costumeiro e banal.

«E' uma santa ! » A cada passo a doce phrase do tisico não melargava a cabeça. Doia-meno confronto do que Sergio relatava.

A mim sabia a fel e sangue a mentira dessa phrase. E tive impetos de correr até o tisico e gritar-lhe que era atraicado, que alli mesmo castigasse a «santa», a infame, atirando-a pelos cabellos nas atras agoas inquietas.

Sergio, todo possuido do seo furioso amor, nem notava a minha raiva e o meo desgosto. Mas resolvido, ia a revelar-lhe a repugnancia dessa torpeza e perfidia, quando o Sergio, a alma sitiada de receio, falou :

—O tisico, creio que desconfiou, não se arreda do camarote. Ha dous dias que não se vê nem a elle, nem a Martha ! ... E amanhã, pela tarde, chegaremos... já aproámos para...

Subito percebemos um movimento a bordo. Gente da equipagem descia para ré, á luz mortiça de azeite das lanternas.

Participando do sobresalto, eu e o Sergio levantámo-nos assustados.

—O que ha ? perguntámos com inquietação.

—Foi n'um camarote, lá em baixo, disse um vulto apressado.

Descemos aos saltos. Enfiámos por um corredor apertado, pelo qual já seguiam o commandante e o medico de bordo. Mr. Campbell na sua inflexibilidade seguia seccamente, tendo a face rígida e o passo indiferente, talse nesta hora passeiasse em terras do seo vasto condado, longe do mar e longe do navio...

Por fim parámos todos.

Por uma porta aberta, á esquerda, via-se o corpo semi-nú de Martha, estatelado no chão, n'um alto, esplendido e impudico relevo da carne exposta para a Carne peccar. Só, para os lados do coração, ao pé de um peito abundante e alvo, parecera que o tisico escarrara, porque estava empastado do sangue da facada.

Ao fundo o tisico encolhido tossia com estrondo.

Sergio retirou-se logo, mudo e talvez consternado. Em seguida foram arrastando, caminho do porão, o tisico, de ferro nos pés.

*

5 de agosto.

Na tarde do dia 4, deixava com a viva emoção do drama o *Fresfheld*, quando já sentado na popa d'um bote, voltei-me aos gritos do Sergio, no portaló, de pé, a chapelleira na mão, chamando-me com ardor

Installado que foi commigo, Sergio declarou ainda, n'um gesto immensamente triumphal, ter sido uma delicia a Martha !

—Era de entontecer..

E passando a mão pela guedelha e virando os olhos para as bandas do *Freshfield* em repouso e affastado :

—Que esplendida viagem ! Tomara outra !...

Ao tocarmos o caes esbarrondado e negro, o ouro-pigmento da luz se empanava em opacidades exequiaes por sobre as agoas e a cidade, por traz da qual, n'um offertorio d'hostia santa, a lúa—que fado máo te rola nas noites ?—subia lentamente, indefinivelmente...

ALBERTO RANGEL.



JERUZALEM

DE

PIERRE LOTI

(Traducçao do „Cenaculo“)

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 127, DO T. 3.º)

Sempre mais e mais desolada e solitaria, a Palestina se desenrola, infinitamente silenciosa. Afora esta estrada tão bem nivelada, é como se se estivesse no deserto, — um deserto de rochas e porcinos, menos illuminado e mais septentrional que o outro, donde viemos ha pouco. E as grandes ruinas informes, vestigios de templos, restos de muros de santas egrejas das cruzadas, olham desoladamente a vasta e merencoria planicie, pavidas de a ver abandonadas hoje; testemunhas dos tempos de fé, para sempre mortos, parecem esperar não sei que lisonjeiro milagre que de novo daria á terra santa os povos e os exercitos... Porem, não mais voltarão aquelles tempos idos; e o olhar dos homens hoje se volve para os paizes do Occidente e do Norte, onde as novas éras desabrocham, pavorosas e gelidas. E estas ruinas jamais serão reerguidas, — e ninguem mais volve á Palestina, senão alguns derradeiros peregrinos, isolados e raros, ou então certa élite de *blasés* curiosos, profanadores mais terríveis que os Sarracenos ou os Beduinos...

A como lixivia immensa de que o ar está impregnado continua de obscurecer o sol, que para logo se não vê mais, attenuando os contornos aos objectos longinquos num diaphanizar extranho. As collinas de rochas, do mesmo cinzento violaceo do ceo desta manhan, sucedem-se mais e mais altas, porem com profis sempre semelhantes, com suaves contornos, onde nada fere a vista, — como se fossem nuvens. Nos valles e nas cumiadas o solo é igual, camada uniforme de rochas exfoliadas, cravadas de myriades de perfurações minusculas, que lembram a nuança e o granulado da casca dos sobreiros. — E é assim por toda a parte, sob o attenuação deste vapor persistente que, de hora em hora, mais e mais se condensa. Ceo cinzento-perola,

em paiz cinzento-perola, sem uma arvore, na monotonia do qual raros casebres de pastores ou ruinas, desseminadas, abrem nódoas de um cinzento mais roseo.

Atravez este semi-dia de eclipse, nosso espirito présente anciosamente a proximidade dos logares santos. Todo um passado, toda uma infancia pessoal, e todo um atavismo de fé revivem momentaneamente no intimo de nosso coração, enquanto vamos seguindo sem falar, cabeça baixa, fitando os olhos scismadores nas eternas floresinhas das primaveras do Oriente, eclosionadas á beira da estrada, — cyclamens, anémonas e pentecostes...

Mais elevadas ainda, as montanhas nos manteem em mais densa penumbra ; as brumas desegualmente transparentes mudam as proporções e as augmentam ; profundo silencio reina no mais profundo destes valles de rochas, onde se percebe apenas o chofrar dos cavallos...

E, subito, lá muito ao longe, muito alto ante nós, no cimo de uma das mais longinquas montanhas cinzento-perola, se esboça uma cidadezinha cinzento-rosea, indecisa de matiz e de contornos como uma cidade de sonho, apparecendo apenas, muito acima de nós ; cubos de granito roseo, com minaretes de mesquitas, campanarios de egrejas — e nosso guia nos a indica com lento gesto arabe, dizendo : «Bethleem !... »

Oh ! Bethleem ! Ha ainda uma tal magia em torno desse nome, que nossos olhos se velam... Estaco o animal, para ficar atraç, pois sinto que choro, em contemplando a apparição subita ; assim, vista do fundo de nossa ravina de sombra, — ella, Bethleem, — é, sobre as montanhas que semelham nuvens, atrahente, lá, muito alto, como uma patria suprema... Bem inesperadas, estas lagrimas, porem soberanas e sem resistencia possivel ; infinitamente desoladas, mas tão doces : ultima prece, inexprimivel, ultima adoração de saudade, aos pés do Consolador perdido...

* * *

Tracei as minhas obras com toda magnificencia. Fiz jardins, e pomares, e puz nelles arvores de toda especie. E construi em minha utilidade depositos de ágoas para regar o bosque de novo arvoredo. (*Ecclesiastes*, II, 4, 5, 6).

Devemos fazer alto ao meio-dia em um valle, junto ás cisternas do rei Salomão, e só entrar ás trez horas em Bethleem, que acaba de desapparecer em uma das curvas da montanha.

Em um baixio, triste e abandonado como toda a Palestina, encontramos essas cisternas, sumptuosos tanques que abasteciam outrora o palacio de estio do *Ecclesiastes*. Ha millenios desappareceo tudo : palacios, jardins, arvores ; em torno existe apenas um deserto de pedregulhos e de abroteas.

Com tudo, grande ruina imponente se ergue junto aos reser-vatorios ; um quadrado de muralhas de ameias sarracenas, flanqueado, nos quatro angulos, de massicas torres igualmen-te ameiadas. Ao pallido sol do meio-dia, que filtra apenas atravez o cinzento lilaz das brumas, duas das faces são roseas e as outras duas, —as da sombra,— azuladas. As tragicas ameias alinham as series de pontas no ceo. Zebradá de brechas e fendas, só, triste, immensa e elevada neste paiz desnudado, foi ci-dadella do grande Saladino, edificada muitos seculos depois da destruicão dos palacios do *Ecclesiastes*, hoje, por sua vez em ruina. Um Arabesinho, bem creança, encarapitado num dro-medario que sae desta fortaleza por uma ogiva mōnumental, nos dirige um salam respeitoso, como a cheiks moghrabis, — e vamos repouzar, com os cavallos, á protectora sombra dos mu-ros.

Outros doulos grupos veem para logo se assentar á mesma sombra, ao longo das formidaveis muralhas : quatro sacerdo-tes gregos, que almoçam frugalmente, na relva, — em viagem de instruicão archeologica, — e algumas mulheres maronitas, vindas de Bethleem com creanças, trazendo *narguilés* e laranjas.

Que sol terno e singular, hoje, neste ceo do Oriente, e como é melancolico este sitio !

Em quanto repouzamos, rans saudam a primavera, gloriosa-mente, nas cisternas do *Ecclesiastes*. — Debruçamo-nos, do ve-tusto parapeito veneravel, para as ver : monstruosas, esparri-nhadas, fazendo vergar os caniços sob o corpo.

* *

Cerca das trez horas, com um sol victorioso alfim das matutinas brumas e já mui ardente, chegamos a Bethleem, atravez poeirenta estrada.

Em quanto armam as tendas ás portas da cidade e á margem do caminho, como é de uso, em um desses cerrados de oliveiras que se abandonam aos viajantes, penetramos a cavallo nas ruas.

Nada mais da impressão primeira, bem entendido : não era terrestre, e se evolou para sempre... Entretanto Bethleem con-

tinua de ser ainda, pelo menos em certos quarteirões, uma cidade do antigo Oriente pela qual se interessam nossos olhos.

Como em o Hebron, cubos de rochas, abobadados de rochas, que parecem não ter cobertura. Passagens estreitas e sombrias, onde as patas de nossos cavallos escorregam sobre calçadas reluzentes. Altos muros vetustos, que parecem velhos como Herodes, onde se abrem raras janellas estreitas e cimbradas.

—«Ah !... Moghrabis !» dizem os Syrios, assentados á porta, em nos vendo approximar. Entre as casas, o olhar, por vezes, mergulha na outra vertente desta montanha sobre que assenta a cidade, e lá, surgem jardins e vergeis se succedendo em terracos sem fim.

A belleza e o trage das mulheres constituem todo o particular encanto de Bethleem. Alvas e roseas, os traços regulares e olhos de velludo negro, uzam toucado rígido, aljofrado de prata ou ouro, semelhante ao *hennin* de nossa edade-média occidental, coberto, por veo «á Virgem», de musselina branca e grandes pregas religiosas. A veste, de matiz coruscante e coberta de bordados em estylo antigo, tem mangas até acima do cotovelo, para deixar cahir as grandes mangas pagodes, talhadas em ponta á moda de nosso seculo XV, do vestido de baixo, geralmente verde escuro, que cae direito até os calcanhares. Em suas vestes das éras passadas, caminham lentas, altivas, nobres, — e, com isso, ingenuamente formosas, todas, sob a alvura dos veos que accentuam *extranha semelhança*, mormente quando trazem ao hombro uma creança : julga-se, a cada esquina das velhas ruas sombrias, ver aparecer a Virgem Maria,—a dos quadros de nossos Primitivos...

* * *



CARTA

(Ao Cenaculo)

A Arte, em meio o desequilibrio que atravessamos, tem vencido, embora minguadamente, a falta de estimulo que caracteriaz a epocha actual.

Victor Meirelles ahi está despertando fibras de entusiasmo com o novo panorama ; é uma obra extraordinaria.

Livros, de diversos que se esperavam para logo, appareceo unicamente a JERUSA, de Collatino Barrozo.

E' um sonho descripto ; é o segundo capitulo de um pesse-mismo de que os ANATHEMAS são o primeiro.

O nevrotismo deste estremece com a mesma hysteria de phrase n'aquelle ; e a alma enferma que deo calor ás paginas de um, revela-se no outro em igual superexcitação.

JERUSA não é uma obra completa, é uma nevrose desabafada que poderia continuar ; tem, entretanto, sobre os ANATHEMAS, a superioridade da ordem, de certa ordem a que o livro obedece, deixando por isso de ser um trabalho fragmentario.

O auctor da JERUSA é um nevrotico e a anormalidade physica que lhe desordena os nervos e que lhe faz um profundo impressionado de tudo, caracteriza os seos douis livros publicados.

A feição decadente do poema em prosa de Collatino Barrozo, feição puramente ocasional, como me afirmou o auctor, não chega a interceptar a corrente nevrotica desse phantastico sonho descripto, o que succederia se o artista o acarretasse com os atrophiadores preconceitos de eschola.

O livro de Collatino tem alguma cousa superflua ; o sobrenome *Guildamar* nada adianta á sonora cavatina do vocabulo *Jerusa* ; mas, para esbater adornos prescindiveis, tem JERUSA trechos de muita sinceridade, em que a alma do artista, entregue ao cilicio de um pezadello, abstrahindo se de qualquer artificio ou convenção, abre em rispido confessionario o seo necroterio de duvidas e de magoas.

A Arte que tem o seo ideal n'uma ronda de sonhos pelas porcellanas do Infinito, não supporta os regimens da Eschola, nem das Epochas ; mostra-se Arte quando é sincera e livre.

Grande artista será aquelle que sentir muito e tiver a sinceridade e o talento necessarios para exprimir extraordinariamente o seo sentimento.

Louis Lambert, de Balzac, notava : «Chez tous les grands hommes, dont les portraits ont frappé mon attention, le col est court. Peut-être la Nature veut-elle que chez eux le cœur soit plus près du cerveau.»

O coração e o cerebro agindo, fora de todo o limite de compendio e de toda a questão do aplauso publico, no austero circulo da personalidade que determina o artista superior, fará sempre da obra de arte uma alma palpitando, uma vida novase manifestando.

Collatino Barrozo que sabe ter o orgulho do seo logar distinto na nova geração, que evidencia nervos e espirito, como nestes trechos :

«VULTURNO : Ah ! De que serve viver, se o meu espirito é a minha tortura. Se o ouro que amontão nas allucinações da minha doença intellectual se transforma nas minhas mãos malditas no ferro mordido pelo oxido.

Onde estavam collares, só diviso algemas.

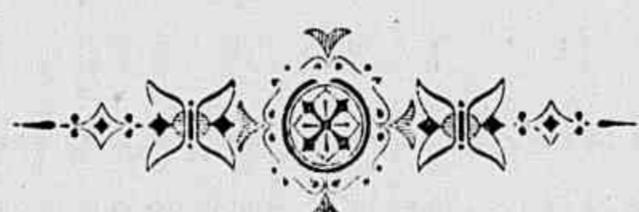
O seo corpo impolluto será como um pôtro infamante, ao qual irei me jungir escravo da minha vergonha.

Enamorado, abatido !

Afastae-vos Jerusa ! Afastae-vos ! (*Pensativo*) Não será a gloria tambem sómente uma allucinação, o delirio de uma nevrose ? Não será como o sol, que, radiando por um crepusculo de cinza e ouro, vae se sepultar na noite negra ?

Que bonito funeral que tem o Sol ! Rezam-lhe o mar e o vento a litania», dará, para breve, um livro mais completo, desde que siga a escala ascendente começada e demore mais no trabalho de sua obra ; e essa brilhante promessa temol-a no calor dos ANATHEMAS e da JERUSA.

SILVEIRA NETTO.



RESPIGAS

Livros recebidos

* OS DICTADORES DA AMERICA.—*A Historia e a Legenda*.—4.^a serie, pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva.—*Livraria do Povo*; Quaresma & C.^a, *Livreiros Edictores*.—Rio de Janeiro, 1896.

MANUAL DO NAMORADO.—Quresma & C.^a, *Livreiros Edictores*.—Rio de Janeiro, 1897.

Interessante volume, «contendo a maneira de agradar as moças ; fazer declarações de amor ; vestir com elegancia ; estar á mesa ; em bailes ; em passeios, etc. etc.

* OS MEOS BRINQUEDOS.—*Livro para creanças*,—por Figueiredo Pimentel.—*Livraria do Povo*; Quaresma & C.^a, *Livreiros Edictores*.—Rio de Janeiro, 1896.

Acompanha o bello trabalho de Figueiredo Pimentel uma carta, dos Edictores, da qual extrahimos os seguintes topicos, que dão idea da obra :

«Exmo. Sr. Redactor.

«Acompanhando esta circular, temos o prazer de enviar a V. Ex.^a um exemplar do livro OS MEOS BRINQUEDOS, que acabamos de editar.

«Tomamos a liberdade de invocar muito especialmente a sua attenção para essa obra da nossa BIBLIOTHECA INFANTIL.

«E' fóra de duvida um trabalho completamente novo em lingoa portugueza, e de grande utilidade para as creanças, ás quaes é destinado, além de lhe servir, tambem, de recreio e passatempo.

«OS MEOS BRINQUEDOS são todos os jogos e divertimentos usados por meninos e meninas, em casa, no collegio, ao ar livre, na rua, em toda a parte— quer brincadeiras calmas e tranquillas, quer exercicios physicos, gymnasticos e hygienicos.

«Não ha creança que desconheça a SINHÁ VIUVINHA DAS BANDAS D'ALÉM, O PIQUE, A AMARELLA, O SERMÃO DE S. COELHO, etc., etc.

«E' este o livro, contendo ainda brinquedos para creancinhas na mais tenra infancia, e jogos de prendas, uzados em soirées e reuniões familiares, por moças e moços.

«O livro, como V. Ex.^a verá, está nitidamente impresso, em bom papel e typo grande ; tem gravuras e vinhetas ; e é solidamente encadernado.

*—O asterisco assignala as obras de que pretendemos tratar, oportunamente.

«E' seo auctor o conhecido litterato Figueiredo Pimentel, o mesmo popular escriptor dos CONTOS DA CAROCHINHA, DAS HISTORIAS DA AVOSINHA, DAS HISTORIAS DA BARATINHA (que fazem parte da nossa excellente e util BIBLIOTHECA INFANTIL) e muitissimas outras obras, em prosa e verso, sobre varios assumptos.»

O GUARANY, de Carlos Gomes; proemio de Francisco Pacheco.—Alfredo Silva & C.ª, Edictores.—Pará, 1896.

Gracioso opusculo, deliciosamente escripto e artisticamente impresso. O auctor, o distincto e bem orientado litterato F. Pacheco, trata, no proemio, com assaz competencia, da «Muzica braziliiana»,—rendendo ao nosso extraordinario Maestro a mais bella justiça e a mais justa homenagem. E' vehemente pagina de arte, aureolada pelo sol dos tropicos,—sol glorioso, que dá á payzagem do Norte a illuminura feerica de uma apotheose da Natureza, e ao coração do Brazileiro o estímulo indomavel que é a caracteristica dos grandes patriotas.

O *Guarany* é a epopea da PÁTRIA SELVAGEM, da Pátria Brazileira; é a alma sublime desta Natureza esplendente, forte e invencível. Carlos Gomes soube traduzir a lingoagem mysteriosa das selvas e a piedosa monodia de nossas noites serenas. «Foi este prototypo» (Peri)—diz F. Pacheco,—«que José de Alencar, em estylo tão simples quão eloquente, esquisso a côres rubidas no seo livro, um dos melhores que o romantismo brazileiro nos legou. E foi nelle, nos traços fulgentes daquellas duradouras laudas, que Carlos Gomes se abeberou da inspiração esparzida na partitura *Il Guarany*, que lhe creou uma densa atmosphera de laureis immurchaveis.

«Nesta opera, cuja symphonia nos predispõe para os quadros mais galantes e para os choques mais imprevistos, revemos a impetuosa corrente das cachoeiras, a soturna virgindade das selvas, o berro do jaguar, os roufenhos guinchos da hirara, o canto redemptor da cauan, os meigos amavios do sabiá, os roncos da capivara, os surdos embates de tribus erradias em brenhas infindaveis, todo esse pandemonio de novidades intangiveis, ciciadas por mimosas guaximas e tenras graciolas, franjada por espessos carnaúbaes e enfeitados palmares, tudo rico e possante, infernal e divino, imponente e contristador, que arrouba e afoga, que enleva e asphyxia, guinda e despenha, altiloquo, olossal, entontecedor. Auscultam-se alli as manhans reverberantes e os diluculos esmaecidos, ouve-se o bramido da inubia e a zoeira do tacape, palpa-se a traição dos aventureiros e a resistencia heroica de D. Antonio de Mariz, o symbolo da fidalguia luziada de outro tempo, valente no assedio e generosa no triumpho.»

Todo o opusculo vibra a emoção profunda de um espirito altamente aprimorado, altamente sympathico. O escorço da opera é feito com maestria e novidade, pondo em nitido relevo os mais bellos episodios e as mais imperceptiveis nuanças.

E' homenagem digna do grande Maestro, que tanto se soube distinguir entre os mais celebres dos seos contemporaneos, e tanto soube honrar a Pátria Brazileira.

* CECY — por Jayme Ballão. — *Impressora Paranaense*; Coritiba, 1896.

* A INTERVENÇÃO E A DOUTRINA DE MONRÓE; — por M. I. Carvalho de Mendonça. — *Typ. Modelo*; Coritiba, 1896.

* MARIETTA, — de Rocha Pombo. — *Borio & Comp. Edictores*; Parana-guá, 1896.

Periodicos

A MUZICA PARA TODOS — *Gazeta litteraria, muzical, illustrada.* — Unica no Brazil — *Publicada em S. Paulo.*

Sua redacção effectiva está composta do seguinte modo :

Muzical : Professor Nestor Fortunati.

Litteraria : Conde Amadeo Barbiellini Amidei Lelmi.

Illustrativa : Professor Pintor Lorenço Piscini.

E' uma valiosa publicação cuidadosamente impressa, e que muito se recomenda a quantos cultivam as Bellas Artes e as Bellas Lettras.

Recebemos os ns. 14, 15, 16, 17 e 18.

O numero 14 traz um excellente artigo de Amadeo Barbiellini, a *Carlos Gomes no Cuarany*.

Todos os numeros são variadíssimos, trazendo sempre chronicas de Arte, bellas composições muzicaes e finas illustrações.

O Cenaculo agradece a delicada visita e espera poder permuttar sempre com tão artistica e aristocrata collega.

—

O enigma de nossa existencia — por Hübbe-Schleiden. — Ao enigma que, ha muito, atormenta os philosophos, encontrou Hübbe-Schleiden a verdadeira e definitiva solução entre os sabios do alto Thibete do Himalaya ; e esta solução está condensada em a palavra sanskrita *karma*. *Karma* traduz a lei suprema da causalidade que, se applicando a nossos actos com absoluto rigor, demonstra inexoravel encadeamento nelles.

E' a lei segundo a qual o que fazemos produz suas consequencias inevitaveis e, consequintemente, determina nosso destino. Cada um de nós é o que é, pelo que tem feito. Sua existencia não começou com o nascimento vizivel ; prolonga-se infinitamente no passado, e sua condição actual é resultado fatal de anterior conducta. Que fica sendo nesta metaphysica o phenomeno, scientificamente constatado, da hereditariedade ? Fica como phenomeno. Uma alma tem necessidade de certo organismo ; em virtude das leis da affinidade, que são verdadeiras, tanto no mundo moral como no da chimica, ella se encarna em o corpo que lhe é apropriado. Não nos parecemos pois com os parentes nossos porque herdámos do seo organismo ; herdámos de seo organismo porque nos parecemos com elles. Não se comprehende o que vem a ser nossa responsabilidade sendo, como é, nossa vida, desde que chegamos a este mundo, dominada e modelada por numerosas influencias que trazemos comosco, predestinada a tal ou tal conducta por um caracter que não nos demos. E, demais, para que o esforço moral, tenaz e doloroso, se a vida acaba em a sepultura ? O aperfeiçoamento que é possivel em tão pouco tempo é tão minimo que não vale o esforço que custa. Emfim, Hübbe-Schleiden está convencido de que esta vida metaphysica justifica a evolução darwinianna, dando della a profunda significação. E' para offerecer o organismo ás individualidades em progresso que lhes é preciso que se modifiquem as formas. O darwinismo exprime o lado, mechanico e necessario desta evolução. — (*Revue Encyclopédique*, n. 148).

—

Volcão em Santos. — Tem sido objecto de grande curiosidade publica esse volcão.

De S. Paulo foram passados para o « Jornal do Brazil » os telegrammas seguintes que explicam aquelle phenomeno :

S. Paulo, 29 — A' noite passada, cerca das 11 1/2 horas, rompeo nos Outeirinhos, pequena serra dos arredores de Santos, um volcão cuja chamma attinge á altura de 25 m., correndo enorme lava.

A intensidade do volcão aumenta cada vez mais, dizendo pessoas que conhecem o Vezuvio que esse volcão não é inferior áquelle.

A origem do Volcão — Agoa e Fogo

S. Paulo, 29. — Eis como uma testemunha ocular narra a erupção do volcão dos Outeirinhos, dada esta noite em Santos :

Do seio da terra, em pleno sólo raso, uma grande columna de fogo erguia-se tendo ao centro, como que rasgando a uma outra mais elevada, porem menos volumosa. E' uma columna de agoa lodosa fervendo. A columna de fogo eleva-se a uma altura variavel de 20 a 30 metros e a de agoa a uma altura de 30 a 40 m., approximadamente.

Perto da cratera, uns trez metros, o thermometro marcou 49 gráos centigrados, um calor axphyxiante e insupportavel.

A Erupção

Os signaes da erupção são assim narrados :

Os encarregados da commissão do saneamento, á frente dos quaes está um engenheiro italiano, andavam em estudos de exploração para o assentamento de machinas da referida commissão. Já varias excavações tinham sido feitas.

Hontem, excavando-se no logar já referido, appareceo-lhes a uma profundidade de 17 metros approximadamente, certo vapor sahindo do centro da terra. Foi esse o principio da manifestação dada á 1 hora da tarde. Ninguem deo a esses signaes a menor importancia.

A's 7 horas da noite, porem, repentinamente, forte columna de fogo e agoa fervendo ergueo-se quando já nem o engenheiro, nem os trabalhadores que sob suas ordens operavam se encontravam presentes. As excavações de sondagem principiaram, ha cerca de um mez, na rua Taylor, muito perto da ultima excavação, sem que manifestação alguma se houvesse dado.

O local da erupção dista do mar 150 metros sómente e cerca de um kilometro do caminho da Barra, ou melhor da rua Conselheiro Nobias, demorando entre a rua Taylor, como já dissemos e uma rua ainda não aberta mas já projectada. — A cratera mede de circumferencia 4 metros.

(Campanha, Castro — Janeiro, 97.)



Condições de assignatura

O CENACULO é publicado mensalmente, em fasciculos de 32 paginas.

6 fasciculos (um semestre) constituem um tomo.

PAGAMENTO ADIANTADO

A Redacção compromette-se a não suspender a publicação do CENACULO sem deixar completo o tomo encetado. Em caso de força maior, alem da boa vontade da Redacção, será restituída aos Srs. Assignantes, pelo Thezoureiro do CENACULO, a importancia dos fasciculos não publicados.

O CENACULO aceita assignaturas relativas apenas a um semestre.

Preço da assignatura:

Semestre	6\$000
----------	--------

As assignaturas podem ser tomadas em qualquer tempo, terminando sempre em 30 de Junho e 31 de Dezembro.

O Assignante terá direito aos numeros atrasados, pertencentes ao semestre.

Venda avulsa:

Fasciculo	1\$500
Fasciculo de mezes atrasados	2\$000

EXPEDIENTE

O CENACULO aceita com prazer a collaboração dos estudiosos.

Os artigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

A revisão das provas typographicas fica exclusivamente a cargo da Redacção.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para a

RUA SILVA JARDIM, N. 108

O CENACULO acha-se à venda nas Livrarias da Capital.